

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

DOIS RETRATOS DA AIDS EM DUAS ÉPOCAS
ESTUDO SOBRE A COBERTURA EFETUADA PELO CORREIO DE GRAVATAÍ
NOS ANOS DE 1985 E 2005

JEANE BORDIGNON DE JESUS

PORTO ALEGRE
JUNHO, 2006

JEANE BORDIGNON DE JESUS

DOIS RETRATOS DA AIDS EM DUAS ÉPOCAS
ESTUDO SOBRE A COBERTURA EFETUADA PELO CORREIO DE GRAVATAÍ
NOS ANOS DE 1985 E 2005

Monografia apresentada como requisito
parcial para a conclusão do curso
de Comunicação Social – Habilitação
em Jornalismo

Orientadora: Ilza Maria Tourinho Girardi

PORTO ALEGRE
JUNHO, 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia “DOIS RETRATOS DA AIDS EM DUAS ÉPOCAS: ESTUDO SOBRE A COBERTURA EFETUADA PELO CORREIO DE GRAVATAÍ NOS ANOS DE 1985 E 2005”, elaborada por Jeane Bordignon de Jesus, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Jornalismo.

Profª. Dra. Fatimarlei Lunardeli

Prof. Mestre Mário Rocha

A todos aqueles que carregaram ou carregam o vírus HIV no sangue

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sérgio e Maria Lucia; às queridas Júlia e Tamires; aos jornalistas Cláudio Wurlitzer e Herculano Barreto Filho, que fizeram as matérias analisadas neste trabalho; à minha orientadora, Ilza Girardi; ao professor Wladimir Ungaretti, um grande incentivador; às amigas Josiane e Ana Müller

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 HISTÓRIA DA AIDS.....	11
3 AIDS NA IMPRENSA.....	16
4 1985: PORTADOR DE AIDS SOBE AO ALTAR.....	21
5 2005: AS VÁRIAS FACES DA AIDS.....	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS.....	38

RESUMO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) apareceu pela primeira vez em 1981, nos Estados Unidos. Aqui no Brasil, a doença chegou primeiro através das notícias na imprensa, que depois acompanhou por várias vezes o drama dos infectados. Não foi diferente em Gravataí, cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. No ano de 1985, o Correio de Gravataí mostrou em suas páginas a história de Luiz Cardoso, o primeiro portador de AIDS a casar. Vinte anos depois, a síndrome volta às manchetes do jornal, com a denúncia de que uma menina soropositiva foi discriminada pelos colegas, seguida de uma série de reportagens sobre a “cara” da AIDS no município. Este trabalho se propôs a analisar como o Correio de Gravataí falava dessa doença em 1985, como falou em 2005, e o que mudou entre as duas épocas. Concluiu-se que as matérias ficaram mais claras e objetivas, mas continuaram faltando informações básicas sobre a doença. Ou seja, o jornal não conseguiu cumprir plenamente a missão de informar e educar. Também verificou-se que os entrevistados deixaram de ser tratados como vítimas da AIDS. Agora, eles são vítimas do preconceito que ainda existe com força na sociedade.

1 INTRODUÇÃO

1985: Um soropositivo vai se casar. É a primeira vez que isso acontece. Luiz Cardoso, um pintor hemofílico, um dos primeiros casos de AIDS no país, está de casamento marcado com Lurdes de Moura, uma corajosa jovem de apenas 17 anos. O Correio de Gravataí, que já vinha acompanhando a doença de Luiz, é o primeiro veículo a dar a notícia. Com periodicidade quinzenal, o jornal ainda publica uma entrevista com a noiva e a cobertura da cerimônia. A AIDS, ainda um tanto desconhecida, ganha destaque nas páginas do quinzenário gravataiense. Ali, são refletidos o preconceito e a falta de informação que existiam na sociedade.

2005: Uma criança soropositiva é chamada de aidética por um colega de aula. A denúncia, feita pela própria família, desencadeia uma série de matérias sobre as faces da AIDS na sociedade de hoje. As reportagens do Correio de Gravataí, agora um jornal diário com circulação de terça a sábado, mostram como crianças, prostitutas, idosos, drogaditos, travestis, heterossexuais e homossexuais encaram a doença, que agora tem tratamento. Antes da série, o repórter descreve como se faz um teste de HIV - Human Immunodeficiency Virus (vírus da imunodeficiência humana). Para isso, ele próprio se submete ao exame. Se ainda existe preconceito com a AIDS, não é por falta de informação. Hoje já sabemos melhor o que é essa doença, e como lidar com ela. Um resultado de HIV positivo não é mais uma sentença de morte.

Duas épocas, separadas por 20 anos, com realidades muito diferentes. Há duas décadas, a AIDS ainda estava surgindo. E já teve destaque no Correio de Gravataí. Como essa doença, ainda pouco conhecida, foi abordada? Vinte anos depois, uma série de matérias coloca novamente o assunto em evidência. Como a AIDS é tratada no Correio de Gravataí hoje em dia? Quais as maiores diferenças entre as duas séries de

matérias? São essas as questões que este trabalho tentará responder. Para resolver as questões propostas, a monografia tem por objetivo verificar qual o tratamento dado pelo Correio de Gravataí à AIDS nas coberturas realizadas em 1985 e 2005.

Para isso, primeiro tento resgatar a história da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Também procuro explicar as relações dessa doença com a imprensa em geral e o papel educador do jornalismo científico. Depois, irei analisar em separado os casos de 1985 e 2005, para finalmente comparar as duas realidades impressas nas páginas do Correio de Gravataí. A doença é a mesma; os tempos e as histórias é que são outros.

Da cobertura de 1985, analisei as seguintes reportagens: “Portador de AIDS faz nova avaliação médica”, 1º a 15 de setembro de 1985, p. 9; “Portador de AIDS casa em novembro”, 08 de outubro de 1985, Edição Extra de quatro páginas; e “Muita emoção no casamento do jovem pintor da AIDS”, 1º a 15 de novembro de 1985, p. 9 a 11. Essas duas últimas foram escritas pelo jornalista Cláudio Wurlitzer, e na primeira não consta a autoria. As edições que continham o anúncio do primeiro caso da doença em Gravataí e a entrevista com a noiva do soropositivo se perderam por problemas no arquivo do jornal. As matérias de 2005 analisadas foram: “Uma família de sobrenome AIDS”, 2 e 3 de julho de 2005, p. 10 e 11; “Saiba como fazer o exame de anti-HIV”, 6 de julho de 2005, p. 6; “Uma em cada 83 pessoas em Gravataí tem AIDS”, 30 e 31 de julho de 2005, p. 10 e 11; “Camisinha: instrumento de trabalho”, 02 de agosto de 2005, p. 8 e 9; “Os pequenos herdeiros do vírus HIV”, 03 de agosto de 2005, p. 6 e 7; “Nem a terceira idade escapa do vírus HIV”, 04 de agosto de 2005, p. 5 e 6; “A AIDS na ponta de uma seringa”, 05 de agosto de 2005, p. 6 e 7; “A noite travestida nas esquinas”, 06 e 07 de agosto de 2005, p. 10 e 11; “AIDS: um vírus sem cara”, 09 de agosto de 2005, p. 8 e 9; “Aids ainda assombra os homossexuais”, 10 de agosto de 2005, p. 6 e 7; e “A AIDS no

reflexo do espelho”, 11 de agosto de 2005, p. 8. Todas são assinadas por Herculano Barreto Filho.

A análise das matérias foi feita através do método descritivo documental. Procurei destacar as expressões usadas pelo jornal ao se referir à AIDS, aos portadores do vírus HIV e às situações enfrentadas por essas pessoas. Também observei se as reportagens conseguiram cumprir o objetivo de levar informação ao leitor, e se as informações passadas estavam corretas e completas. Ainda destaquei como os repórteres procuraram se posicionar diante de um assunto que, mesmo passados 20 anos, continua de extrema importância.

A questão do preconceito foi a minha principal motivação para esse trabalho. Pessoalmente, sou contra todo tipo de discriminação. Como jornalista, acredito que não somente eu, mas todos os colegas de profissão, têm papel fundamental na luta contra o preconceito. Uma das principais armas nessa batalha é a informação. Por isso, cabe a nós da imprensa a missão de informar, derrubar mitos, esclarecer dúvidas, e assim, ajudar a diminuir o preconceito.

2 HISTÓRIA DA AIDS

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) foi reconhecida em meados de 1981, nos EUA, a partir da identificação de um número elevado de pacientes adultos do sexo masculino, homossexuais e moradores de São Francisco ou Nova York, que apresentavam sarcoma de Kaposi, pneumonia por *Pneumocystis carinii* e comprometimento do sistema imune, o que levou à conclusão de que se tratava de uma nova doença, ainda não classificada, de etiologia provavelmente infecciosa e transmissível. Posteriormente alguns casos ocorridos nos últimos anos da década dos 70, foram identificados como tendo sido AIDS. (GAPA, 2006)

Em 1981, um órgão governamental americano (Centers for Disease Control) deu o alarme: uma nova e assustadora doença atacava homens que tinham em comum a homossexualidade ou o uso continuado de drogas injetáveis, conta Camargo Jr em *As Ciências da AIDS e a AIDS das Ciências* (Camargo Jr, 1994). Num primeiro momento, observou-se o surgimento de uma infecção pulmonar rara em pessoas saudáveis, a pneumonia por *Pneumocystis carinii*, e de uma forma de câncer igualmente incomum na faixa etária e no grupo étnico acometido, o sarcoma de Kaposi.

Segundo o site do Programa Nacional de DST e AIDS (Brasil, 2006), os primeiros casos da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida aconteceram nos Estados Unidos, Haiti e África Central, nos anos de 1977 e 1978. No Brasil, a doença apareceu pela primeira vez em 1980, em São Paulo.

Mas essa nova síndrome só foi classificada em 1982, quando foi adotado temporariamente o nome Doença dos 5 H - Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos, Heroinômanos (usuários de heroína injetável), Hookers (profissionais do sexo em inglês), uma referência aos então chamados “grupos de risco”. Depois a doença passou a ser chamada de AIDS, sigla para *Acquired Immune Deficiency Syndrome* (em português, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Também neste ano se conheceu o fator de possível transmissão por contato sexual, uso de drogas ou exposição a sangue e derivados e se registrou o primeiro caso de contaminação por transfusão sanguínea.

Em 1983, é notificado o primeiro caso de AIDS em criança e ocorre o relato de uma possível transmissão heterossexual (na esposa de um hemofílico portador da doença). Os homossexuais usuários de drogas são considerados os transmissores da doença para heterossexuais também usuários. Acontecem as primeiras críticas ao termo “grupos de risco”, como eram chamados os grupos mais vulneráveis à infecção. No Brasil, é registrado o primeiro caso de AIDS no sexo feminino.

Em 1984, a equipe de Luc Montagner, do Instituto Pasteur, na França, isola e caracteriza um retrovírus (vírus mutante que se transforma conforme o meio em que vive) como causador da AIDS. No ano seguinte, o primeiro teste anti-HIV é disponibilizado como diagnóstico. A AIDS é considerada a fase final da doença, causada por um retrovírus, agora denominado HIV - Human Immunodeficiency Virus (vírus da imunodeficiência humana). Acontecem a caracterização dos comportamentos de risco no lugar de grupo de risco e o primeiro caso de transmissão vertical (da mãe grávida para o bebê). Também em 1985 é fundado o Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA - primeira ONG do Brasil e da América Latina na luta contra a AIDS).

Em 1987, se inicia a utilização do AZT (originalmente chamado de azidotimidina, posteriormente renomeado como zidovudina), medicamento para pacientes com câncer e o primeiro que reduz a multiplicação do HIV. A Assembléia Mundial de Saúde, com apoio da ONU (Organização das Nações Unidas), decide transformar o dia 1º de dezembro em Dia Mundial de Luta Contra a AIDS, para reforçar a solidariedade, a tolerância, a compaixão e a compreensão em relação às pessoas infectadas pelo HIV. A escolha dessa data seguiu critérios próprios das Nações Unidas. O total de casos notificados no Brasil chega a 2.775. Em 1988, morre de AIDS o cartunista Henrique de Souza Filho, o Henfil, aos 43 anos. O Ministério da Saúde inicia o fornecimento de medicamentos para tratamento

das infecções oportunistas. Em 1989 morre Lauro Corona, ator da TV Globo, aos 32 anos. No ano seguinte, é vez do cantor e compositor Cazuzza, também com 32 anos. Em 1991, dez anos depois da AIDS ser identificada, a OMS anuncia que 10 milhões de pessoas estão infectadas pelo HIV no mundo. O jogador de basquete Magic Johnson anuncia que tem o vírus.

Em 1992, é feito o primeiro estudo sobre o uso de várias drogas combinadas contra o HIV e o estudo sobre a importância das doenças sexualmente transmissíveis (DST) como co-fator para a transmissão deste, podendo aumentar o risco de transmissão e aquisição do HIV em até 18 vezes. A opinião pública brasileira fica indignada quando a menina Sheila Cartopassi de Oliveira, de cinco anos, tem a matrícula recusada em uma escola de São Paulo, por ser soropositiva.

Em 1993, acontece o início da notificação da AIDS no Sistema Nacional de Notificação de Doenças - SINAN. Morre o bailarino Rudolf Nureyev e a atriz Sandra Brea anuncia que é portadora do vírus. A opinião pública começa a perceber que a doença atinge também as mulheres. O AZT passa a ser produzido no Brasil. No ano seguinte, estudos mostram que esse remédio ajuda a prevenir a transmissão do HIV de mãe para filho.

Em 1995, aparecem os primeiros inibidores de protease (medicações que dificultam a multiplicação do vírus da AIDS no organismo). Um estudo demonstra que o tratamento precoce das DSTs, com conseqüente redução no tempo de evolução das doenças e de suas complicações, faz com que o risco de transmissão e aquisição do HIV diminua. A incidência do Vírus da Imunodeficiência Humana é reduzida em 42% com essas medidas.

Em 1996, há o primeiro consenso em terapia anti-retroviral (regulamentação da prescrição de medicações para combater o HIV) e uma lei fixa o direito ao recebimento

de medicação gratuita para tratamento. O Brasil adota uma política de distribuição da medicação, via SUS, para todas as pessoas acometidas pela doença. Com o passar do tempo, esta estratégia mostra-se não apenas eficaz, do ponto de vista da redução da mortalidade, mas também poupadora de recursos, na medida em que os gastos com o tratamento da doença em seus estágios iniciais consomem menos recursos que as repetidas internações dos pacientes em estado grave. Ocorre queda das taxas de mortalidade por AIDS, diferenciada por regiões. Percebe-se que a infecção aumenta entre as mulheres (feminização), dirige-se para os municípios do interior dos estados brasileiros (interiorização) e aumenta significativamente na população de baixa escolaridade e baixa renda (pauperização).

Desde 1996, o Programa Nacional de AIDS reúne periodicamente especialistas no tratamento da doença para estabelecer parâmetros de tratamento e acompanhamento de pessoas contaminadas; estes consensos geram documentos de orientação, que são disponibilizados ao público, servindo de guia de orientação dos médicos envolvidos no tratamento e também para a aquisição dos medicamentos por parte do próprio programa.

Em 1997, morre o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Hemofílico, contaminado por transfusão de sangue, ele defendia o tratamento digno dos doentes de AIDS. No ano seguinte, já existem onze medicamentos disponíveis, gratuitamente, na rede de saúde. Muitos soropositivos que usam o coquetel apresentam cargas virais indetectáveis pelos exames, mas o HIV continua 'escondido' no organismo (gânglios linfáticos, medula e partes do cérebro).

Em 1999, registra-se queda de 50% na mortalidade dos pacientes de AIDS e melhora da qualidade de vida dos portadores do HIV. Em 2000, a 13ª Conferência Internacional sobre Aids, em Durban, na África do Sul, denuncia ao mundo a

mortandade na África. Dezesete milhões morreram em decorrência da doença no continente, e 3,7 milhões são crianças. 8,8% dos adultos estão contaminados. O Presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, escandaliza o mundo ao sugerir que o HIV não causa a AIDS. No Brasil, aumentam os casos em mulheres. A proporção nacional de casos da síndrome notificados já é de uma mulher para cada dois homens.

Em 2001, o Brasil ameaça quebrar patentes e consegue negociar com a indústria farmacêutica internacional a redução no preço dos medicamentos para AIDS. Em 2002, o Fundo Global para o Combate a Aids, Tuberculose e Malária é criado para captar e distribuir recursos, que serão utilizados por países em desenvolvimento, para o controle das três doenças infecciosas que mais matam no mundo. Um relatório realizado pelo Unaid, Programa Conjunto das Nações Unidas para a luta contra a AIDS, afirma que a doença vai matar 70 milhões de pessoas nos próximos 20 anos, a maior parte na África, a não ser que as nações ricas aumentem seus esforços para contê-la. A 14ª Conferência Internacional sobre AIDS é realizada em Barcelona.

Em 2004, Recife reúne quatro mil participantes em três congressos simultâneos: o V Congresso Brasileiro de Prevenção em DST/Aids, o V Congresso da Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids (SBDST) e o I Congresso Brasileiro de Aids. Em 2005, o tema do Dia Mundial de Luta Contra a Aids no Brasil aborda o racismo como fator de vulnerabilidade para a população negra. O total de casos da doença acumulados até junho de 2005 é de 371.827.

3 AIDS E IMPRENSA

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida chegou ao Brasil através da imprensa. Antes mesmo que fossem identificados casos da doença no país, a epidemia já se fazia presente nas páginas de jornais e revistas brasileiros. A primeira notícia sobre AIDS localizada pela antropóloga Jane Galvão (2000), em pesquisa para sua dissertação de mestrado sobre AIDS e imprensa, em que analisou as matérias publicadas no Jornal do Brasil de 1981 a 1990, é de 3 de agosto de 1981, com o título “Câncer em homossexuais é pesquisado nos EUA”.

Nos primeiros anos, a mídia teve um papel essencial de transmitir ao público as informações sobre a doença. Galvão ressalta que sem literatura médica disponível, iniciativas governamentais ou não-governamentais e casos de pessoas oficialmente identificadas com a síndrome, a imprensa ganhou destaque como resposta à epidemia.

Para esse momento da AIDS no Brasil, a mídia se coloca como o principal e quase único, meio de informação, sobretudo dada a abrangência nacional de alguns veículos de comunicação, sobre o que era o então denominado “câncer gay” e “praga gay”, entre outros nomes. (GALVÃO, 2000, p.49)

Fausto Neto (1999), em seu Estudo sobre a AIDS, constata que a doença “invade” o corpo social, desdobrando-se em várias problemáticas, envolvendo diferentes realidades, atores sociais, desafios, disputas institucionais, estratégias, dramas e tentativas de intelegibilidades. Nesse cenário, a AIDS impõe-se como uma temática específica. Durante a descrição desse estudo, Fausto Neto procura mostrar que, além de ser um fenômeno de ordem biológica, a AIDS constitui-se em uma problemática cultural e discursiva.

Uma sugestão que deixamos para o leitor é a de que o poder das mídias está na sua capacidade de construir – via discursos – conceitos e referências que, em última análise, vão se tornando o nosso próprio cotidiano. É nessa operação – via competência dos modos de dizer e dos modos de mostrar engendrados pelas práticas midiáticas – que a AIDS se torna uma realidade específica dos nossos dias. (Fausto Neto, 1999, p.9)

Assim, a síndrome passa a fazer parte da agenda constituída pelo jornal. Segundo Fausto Neto, é como se o jornal anunciasse uma espécie de “encontro marcado” (1999, p.62) com o leitor, para esclarecer dúvidas, expor opiniões e pontos de vista, além de acompanhar o desenvolvimento da epidemia pelo mundo.

Mas a imprensa também carregou nas tintas ao tentar acrescentar mais sentimento e emoção nas matérias para fugir da distância e da frieza do discurso médico-científico. Acabaram transformando as reportagens sobre AIDS em um “romance em picadinhos” expressão cunhada por Marcelo Secron Bessa (2002, p. 21) no livro *Os Perigosos: autobiografias e AIDS*. Bessa lembra que já em 1989 o escritor Herbert Daniel afirmava que, na história da epidemia no Brasil, “a imprensa desempenhara – e continuaria a desempenhar – um papel fundamental, mesmo que, muitas vezes, esse papel tenha pecado por um tanto de excesso ou, ainda, de omissão” (Bessa, 2002, p.21). Ou seja, apesar de ser uma importante fonte de informação, quando não a única, a mídia diversas vezes carregou as reportagens de ingredientes folhetinescos.

Com o surgimento dos primeiros casos da doença, a utilização das histórias das pessoas com AIDS passou a ser recorrente nos jornais e revistas, intensificando o tom de folhetim dessas matérias, com direito a vítimas e vilões, o bom e o mau doente, numa forma semelhante à polarização dos romances tradicionais. E não faltavam leitores para esse tipo de relato.

E o que destaco desse estilo é a utilização paulatina das histórias de pessoas com AIDS, que, no início, basicamente relatavam a morte e, posteriormente, a experiência da doença. Na verdade, parece um processo de mão dupla: por um lado, há a intenção de despertar a curiosidade no público-leitor, vender revistas por reportagens um tanto sensacionalistas por outro, uma vontade do público em ler aquelas histórias (afinal, naquela época, em meados da década de 80, poucos conheciam alguém com AIDS ou tinham visto um doente). (BESSA, 2002, p.21)

Bessa ressalta que, ao mesmo tempo em que essas reportagens ajudaram a espalhar o medo e o preconceito (afinal, a imprensa foi quem difundiu expressões como

“câncer gay” e “peste rosa”, além de reforçar a gravidade da epidemia e o desconhecimento sobre a causa da doença), elas também foram uma paraliteratura informativa. Além disso, foram textos muito pendentes para o gênero literário, exagerando no melodrama e dando às histórias jeito de folhetins, num momento em que ficções sobre a AIDS ou narrativas autobiográficas eram raras. Principalmente nas revistas semanais, misturou-se jornalismo e literatura criando um “estilo híbrido, folhetinesco, que ora tendeu para o melodrama mais barato e escrachado, ora descambou para o realismo mais cru”. (Bessa, 2002, p.55)

Apesar de exagerar no drama, as matérias sobre a AIDS se enquadram em um dos principais papéis da imprensa: informar e educar os leitores. Alberto Dines (1986), em *O Papel do Jornal*, ressalta que o único compromisso de jornais e jornalistas é com a informação. E vai além: “o jornalismo, por ser uma atividade essencialmente intelectual, pressupõe no seu exercício uma série de valores morais e éticos. Sabe-se que o processo de informar é um processo formador, portanto, o jornalista, em última análise, é um educador”. (DINES, 1986, p.118)

Na área científica, que trabalha com informações sobre saúde, e nesta especificamente que tem muito a dizer sobre prevenção e tratamento, a informação trazida pela imprensa ganha importância. Segundo a jornalista Gislene Silva (2003), cientistas e jornalistas têm em comum a tarefa de, complementando o ensinamento das ciências em sala de aula, trabalhar para a democratização do conhecimento. E, além disso, as descobertas e estudos científicos só têm validade quando a sociedade se beneficia dos resultados.

Vicente Willian da Silva Darde, no artigo *A AIDS na Imprensa: a construção da imagem da epidemia e a influência na promoção da cidadania* (2004, p.253), em que busca responder se os meios de comunicação têm conseguido informar a sociedade

sobre a doença de forma objetiva e sem preconceitos, ressalta que “os veículos devem dizer às pessoas o que elas precisam saber, pois eles têm o poder de afetar as vidas dos indivíduos e dos grupos no interior da sociedade.”

No caso da AIDS, o compromisso de informar tornou-se ainda maior, visto que a mídia foi durante certo tempo a principal fonte de informação sobre a doença. Como dito anteriormente, a AIDS já estava nas páginas dos jornais e revistas antes que o vírus se manifestasse no país. E depois, a imprensa continuou divulgando a doença, mostrando as histórias dos doentes. Mesmo tendo ajudando a espalhar algum pânico por ressaltar com toques de dramalhão a gravidade da doença e a falta de cura, foi a imprensa que informou ao público em geral o que era essa doença misteriosa, quais os sintomas, as formas de transmissão e os possíveis tratamentos. Segundo Darde (2004), apesar da contribuição da imprensa para colocar em pauta a questão da AIDS, lembrando da necessidade de prevenção da doença e combate ao preconceito, ainda há um longo caminho a percorrer.

É em um contexto de múltiplas desigualdades e exclusão que o HIV/AIDS vem encontrando as condições para sua disseminação e no qual as respostas devem ser implementadas. Neste sentido, o enfretamento da epidemia, como questão de interesse público, deve ocorrer através de uma parceria entre Estado, comunidade científica e meios de comunicação. A imprensa entra com um papel fundamental neste processo como estimuladora e fomentadora do debate acerca da AIDS, mas não apenas em ações pontuais, e sim no cotidiano. Percebidos como um espaço discursivo, os meios de comunicação exercem uma função social que ultrapassa o papel de simplesmente informar à sociedade. (DARDE, 2004, p.257)

O desafio atual, resume Darde, é reconhecer a comunicação como colaboradora no processo de construção de políticas públicas, garantindo o acesso à cidadania das pessoas vivendo com o HIV, pois, “diante do avanço científico, o que mais assusta não é a morte. É a discriminação.” (2004, p. 258). A questão não é apenas combater o vírus, mas acabar com o preconceito disseminado na sociedade.

O assunto é tão relevante que mereceu uma edição especial do Três por quatro, jornal experimental produzido pelos alunos de jornalismo da Faculdade de

Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no segundo semestre de 2004. Anos antes, em 1990, foi publicado pela mesma faculdade o AIDS na Pauta: Guia informativo para jornalistas, um material preparado para informar corretamente os jornalistas, para que eles transmitissem as informações exatas, e desmentissem os mitos em relação à doença, auxiliando assim a diminuir o preconceito.

Em se tratando de AIDS, a informação correta é imprescindível para conter a epidemia (e também o preconceito por ela gerado). Isso já era destacado em 1986, em uma declaração de princípios (chamados de posições) diante dos problemas apresentados pela doença, documento oficial assinado em conjunto por duas associações médicas americanas (Health and Public Policy Committee, American College of Physicians and The Infectious Diseases Society of América), que recomendava em um de seus artigos: “Esforços de aconselhamento e educação, ao invés de políticas promotoras de restrição física e isolamento, são métodos apropriados para controlar a disseminação da infecção pelo HTLV-III.” (CAMARGO JR., 1994). A informação sobre a doença ainda era pouca, mas já se sabia que o conhecimento sobre ela era essencial.

4 1985: PORTADOR DE AIDS SOBE AO ALTAR

“Portador de AIDS casa em novembro”. A manchete abriu a edição extra do Correio de Gravataí de 08 de outubro de 1985, o maior furo de reportagem da história do então quinzenário, hoje diário. Depois dessa edição, o caso de Luiz Cardoso, hemofílico que contraiu o vírus da AIDS e mesmo assim decidiu unir-se à mulher que amava, ultrapassou as fronteiras da cidade e até do país.

Alguns meses antes, em agosto de 1985, ele anunciara que era portador da doença nas páginas do mesmo Correio de Gravataí. A edição de 16 a 31 de agosto de 1985 se perdeu no tempo por problemas no arquivo do jornal. Resta apenas a matéria seguinte, de 1º a 15 de setembro de 1985 (Anexo 1). Ocupando toda a página nove, tinha como título “Portador de AIDS faz nova avaliação médica”. A reportagem inicia com um correto resgate do que já havia sido publicado e mostrando o posicionamento do jornal.

Na edição anterior, o Correio de Gravataí contou todos os detalhes da doença de Luiz Cardoso, artista plástico, residente em Gravataí. A reportagem focalizou a angústia dos familiares, os problemas causados após a descoberta da doença no jovem de 26 anos, a preocupação com a necessidade de maiores esclarecimentos, a palavra das autoridades sanitárias e o que o povo pensa sobre o assunto. Agora, passando alguns dias, o Correio de Gravataí dá continuidade ao tema, buscando divulgar o caso de AIDS em Gravataí para orientação da comunidade. (CORREIO DE GRAVATAÍ, 1º a 15 set. 85, p.9)

Em seguida, é contado como ele contraiu a doença, os sintomas que teve e a medicação que vinha utilizando, numa correta retrospectiva do caso. Mas, apesar de começar bem, a matéria logo força o drama. De um lado, o subtítulo “Doente, pobre e azarado”. Do outro, o texto conta sobre as cartas que Luiz recebeu, de “gente com sentimento de dor, de pena, de angústia, de preocupação”. As mensagens vinham de diversas partes do país.

Em *As ciências da AIDS e a AIDS das ciências*, Camargo Jr. (1994) lembra que a forte discriminação contra os infectados (provocada principalmente pelo fato da

doença estar ligada a formas socialmente discriminadas de sexualidade) criou as “vítimas culpadas”, responsáveis – e merecedoras – pelo seu padecimento, em contraposição às “vítimas inocentes”, do mesmo mal.

Em 1987, uma reportagem da *Veja* com três irmãos hemofílicos e portadores de AIDS - o músico Chico Mário, o cartunista Henfil e o sociólogo Herbert de Souza – acentuou essa divisão entre “os infectados pelo HIV e doentes de AIDS: as vítimas e os merecedores, ou seja, aqueles que se infectaram por transfusões, manuseio com sangue contaminado, bebês, etc., e os que se infectaram por via sexual, e nesse caso geralmente homo e bissexuais masculinos”. (BESSA, 2002, p.51)

Luiz Cardoso, hemofílico contaminado pelo fator VIII liofilizado que recebia periodicamente, pertencia ao grupo das vítimas, e isso era bem reforçado nas reportagens, que volta e meia citavam que o rapaz estava vivendo um grande drama. Nas matérias seguintes, é recorrente a expressão “dramática história”. Chegou-se ao ponto de, na cobertura do casamento, criar a seguinte construção: “Mais uma vez, a dramática história da vida do portador de AIDS passava por emocionante drama...” (Wurlitzer, 1º a 15 nov. 1985, p. 9)

Mais adiante, duas frases parecem perdidas em meio ao texto. “Nos últimos dias, novas notícias sobre a AIDS foram levantadas pelos meios de comunicação. Do centro do país, informações de novas experiências e descobertas interessam à população.” Mas que notícias? Que experiências? Isso a matéria não diz, fazendo com que o leitor que não tinha essas informações continue sem saber do que se trata. O jornal esquece de uma das principais regras do jornalismo: partir sempre do pressuposto que o leitor não viu as reportagens anteriores. Como explica Dines:

Se você sabe todos os nomes e qualificações dos personagens de uma história que acompanha há dias, isto não significa que o leitor também saiba. Afinal, ele acompanha dezenas de histórias por dia. Por isto, trate cada informação como se fosse a primeira vez que ela aparece. Sempre há leitores chegando nesse instante. (DINES, 1986, p. 142)

Se a reportagem destaca em vários pontos o desconhecimento que existe sobre a doença, também deixa a impressão de que nem o jornal conhece detalhes importantes sobre a AIDS, como as formas de contágio. Ou então, porque a matéria conta que os primos de Luiz sabiam que uma simples visita não está entre os poucos modos de transmissão da doença e não especifica quais são essas maneiras de contrair a doença? A família está bem esclarecida pelos médicos, mas parece que o jornal não recebeu tanta informação.

O que salva a reportagem é o box no fim da página, com esclarecimentos e recomendações para os hemofílicos em relação à AIDS, além de uma lista dos sintomas da doença. A matéria termina com um importante e imprescindível aviso: “Antes de se deixar dominar pelo pânico, procure orientação de um serviço médico”. Apesar de carecer de informações, ao final o texto orienta corretamente o leitor.

Em outubro, Luiz Cardoso anuncia o casamento. As quatro páginas da Edição Extra de 08 de outubro de 1985 (Anexo 2) se enquadram perfeitamente no estilo “romance em picadinhos”. O texto é recheado de expressões que reforçam a dramaticidade da história. A começar pelo editorial assinado por Maria Dinorah Luz do Prado, na época jornalista responsável pelo Correio de Gravataí.

De repente, a tradicional “Aldeia dos Anjos” torna-se palco de mais uma das grandes tragédias do século, envolvendo um dos mais polêmicos casos de amor. (...) Um amor impossível e desafiante, um casamento proibido. Haverá lei humana capaz de impedir o amor suicida? (...) O espectro da AIDS, com seu manto de morte tecendo o imaculado véu da noiva, na condenação fatal. (PRADO, 08 out. 1985, p.2)

E essas são apenas algumas das frases carregadas de drama. Um dos títulos avisa que “O amor de Luiz e Lurdes não é romance. É drama”. Segue-se um olho preparado para comprovar que se trata de um drama e comover o leitor. “Uma jovem bonita vai ligar-se a um homem condenado pela doença.”.

A “novela” continua com uma revelação: quando Luiz recebeu o resultado positivo, ele foi cadastrado na Secretaria de Saúde, passando para isolamento e com ordens para não contar que estava com AIDS. Só que o pintor desobedeceu e avisou a imprensa. Os médicos inicialmente tentaram negar, mas depois admitiram que aquele podia ser um caso de AIDS.

As autoridades sanitárias tentaram, por alguns dias, reter a notícia. Por tratar-se de algo de interesse público, os meios de comunicação passaram a divulgar, com mais frequência, os estudos e as opiniões de cientistas e autoridades do governo. Luiz Cardoso não estava aceitando o silêncio que lhe foi imposto pelos médicos. (WURLITZER, 08 out. 1985, p.2)

O jornal volta a abordar o assunto em um segundo editorial, onde ressalta que o papel dos meios de comunicação diante de uma doença como a AIDS é importantíssimo.

Acreditamos que a inquietação da sociedade está justamente pelo desconhecimento do assunto. Profissionais da área da saúde acham que é preciso silêncio para não prejudicar as organizações sanitárias, hospitais e laboratórios. Naturalmente, a sociedade passa a ficar curiosa e preocupada no momento em que as coisas são escondidas e motivo de boatos.

O povo tem o direito de saber o que se passa. Se as autoridades preferem silenciar, não cabe à imprensa o “abafa”. (WURLITZER, 08 out. 1985, p.3)

Essas frases retratam a realidade da época. Diante do silêncio quanto a um mal ainda desconhecido, a imprensa toma para si o papel de defender o leitor e garantir seu direito de saber o que estava acontecendo. Fausto Neto, em seu Estudo sobre a AIDS (1999), encontra situação semelhante e observa que nos editoriais o jornal toma partido dos fatos, solidarizando-se com as opiniões contrárias ao ponto de vista das instituições. O objetivo é mostrar que o interesse coletivo (ou o que o jornal classifica como tal) vem em primeiro lugar.

Talvez seja para reforçar essa imagem de comprometido com a missão de informar que o Correio de Gravataí se permitiu uma pequena mentira. A reportagem conta que, com a data do casamento marcada, Luiz procurou o jornal para dar a notícia, porque diante do apoio que vinha recebendo não seria justo passar a informação para

outro periódico. Mas não foi exatamente assim que aconteceu. O proprietário do jornal foi visitar uma amiga costureira e ficou sabendo que ela estava fazendo o vestido da noiva do pintor. Então, literalmente correu atrás da história para produzir a edição extra antes que a notícia chegasse a outro veículo. Foi ele mesmo quem contou isso, 20 anos depois, para a atual redação do Correio de Gravataí, da qual eu fazia parte.

Assim como na matéria anterior, a Edição Extra deixa a desejar pela falta de dados e informações vagas. O que é essa tal de AIDS? Como se contrai? Quais os sintomas? Qual o tratamento? Como se prevenir? Todas estas questões ficam sem resposta. Uma sub-matéria começa dizendo que “informado de que em quatro anos poderá estar curado da AIDS, Luiz acredita numa vida normal a partir daí”. Informado por quem? O Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de São Paulo recomenda: “sempre que possível mencione no texto a fonte da informação”. (Martins, 1997, p. 5)

Depois, no editorial, é dito que “o dever do jornal é noticiar com responsabilidade, prestando um serviço de informação que possa contribuir no esclarecimento de um assunto de tamanha importância” (Wurlitzer, 08 out. 1985, p.3). O Correio de Gravataí sabe que sua missão é deixar o leitor informado, mas não alcança esse objetivo. E ainda parece confuso. No mesmo editorial, fala-se em “mal desconhecido da AIDS”. Mais adiante, a síndrome é chamada de “doença quase incurável”. Além das expressões serem contraditórias, a segunda é equivocada. Uma doença é curável ou não. Hoje em dia, apesar de não ter cura, a AIDS pode ser controlada. Essa expressão poderia até fazer sentido, como uma maneira de expressar essa realidade. Mas em 1985, AIDS era sinônimo de morte e não se poderia dizer que a doença era “quase incurável”.

Fausto Neto (1999) observa que a anunciabilidade da AIDS se faz, inicialmente, em termos vagos pelos jornais que ele analisou. No Correio de Gravataí não é muito

diferente. Além dos exemplos acima, alguns trechos da reportagem deixam a impressão que não se sabia a gravidade da doença. Como no final da matéria, em que Lourdes garante não ter medo da AIDS e Luiz afirma que, apesar da doença, o casal tentará levar uma vida mais normal possível.

Esse aparente desconhecimento sobre a doença persiste na cobertura do casamento, publicada na edição de 1º a 15 de novembro de 1985 (Anexo 3). Depois da cerimônia, o casal foi entrevistado e, segundo a matéria, deu respostas firmes e precisas. E a esperança dos noivos parece ter contagiado também o repórter.

Lurdes afirmou que querem 3 ou 4 filhos. Sobre os riscos que estão correndo, a fé parece mover montanhas: “estamos certos de que iremos superar tudo isso e ter uma longa vida pela frente”, salientou o portador de AIDS. (...) O amor que os uniu nas horas mais difíceis parece mostrar que sairão juntos, sãos e salvos dessa batalha contra a morte. Como eles dizem, “se Deus quiser, vamos sair dessa”. (WURLITZER, 1º a 15 nov. 1985, p.9).

É nessa reportagem de três páginas que o estilo “romance em picadinhos” fica mais forte. O texto é quase literário, contando todos os detalhes da cerimônia de casamento. É mesmo um “novo capítulo da história do hemofílico de 26 anos”, expressão usada na matéria (ela também aparece na edição extra por duas vezes) e que não deixa dúvidas quanto ao caráter folhetinesco da mesma.

Também começa a aparecer a denúncia do preconceito, com o relato de que alguns convidados não aceitaram ser padrinhos do casal e Luiz não vinha conseguindo vender mais quadros desde que revelou ser portador de AIDS. O repórter ainda ressalta a quantidade de curiosos assistindo o casamento, mais numerosos do que os convidados.

Ao final da cerimônia, os desconhecidos saudaram os noivos com aplausos. Esse momento mereceu destaque, com reforço no melodrama: “Os noivos sorriram, retribuindo o carinho que estavam recebendo. Pessoas estranhas ao casal estavam desejando boa sorte, felicidades e parabéns...” (Wurlitzer, 1º a 15 nov. 1985)

Outro ponto importante é o tipo de expressões usadas para se referir a Luiz Cardoso. Nas duas primeiras reportagens, ele é chamado principalmente de “doente” ou “portador de AIDS”, com algumas variações: doente portador de AIDS, jovem pintor da AIDS ou doente da AIDS. Já na cobertura do casamento, ele parece ter se tornado um personagem: é o “pintor da AIDS”, expressão que aparece quatro vezes nas três páginas. Também aparece novamente o termo “portador de AIDS”. Mas Luiz já não é apenas um hemofílico contaminado por essa doença. Pode-se dizer que ele se tornou uma personalidade, o “jovem da AIDS”, como é chamado na manchete da capa.

5 2005 – AS VÁRIAS FACES DA AIDS

Uma criança soropositiva é chamada de aidética pelos colegas de escola. Diante da situação da filha, que não queria mais freqüentar as aulas, a mãe procura o jornal para denunciar o preconceito. É assim que, 20 anos depois do casamento de Luiz Cardoso e Lurdes, a AIDS volta a ganhar destaque no Correio de Gravataí (Anexo 4).

Essa primeira reportagem, de duas páginas, inicia com um aviso: “os nomes das pessoas envolvidas são fictícios, mas a história é real”. Passadas duas décadas, a discriminação parece até mais forte do que antes. Se Luiz posava para fotos, hoje os entrevistados não querem ser identificados para não aumentar o sofrimento. A mãe e o padrasto da menina soropositiva, também portadores do HIV e chamados na matéria de Sílvia e Antônio, contam em detalhes as reações da família. Sílvia teve apoio dos pais, mas os relatos de Antônio mostram um profundo preconceito dentro do próprio lar.

Quando meu pai ficou sabendo, saiu contando para toda a vizinhança. Ele apontava para mim e dizia: “Tá aidético, vai morrer”. Dizia para todo mundo. Os meus pais compravam litros de álcool e passavam por tudo. Trancavam a casa e só deixavam eu entrar quando eles estivessem lá. Já dormi muitas vezes na frente de casa por causa disso. Eu tento esquecer que tive uma família. Eu brigava com eles e me detonava. Eles nunca mais me abraçaram depois que ficaram sabendo. (BARRETO FILHO, 2/3 jul. 2005, p.11).

Contrastando com os depoimentos, as palavras do infectologista Eduardo Lutz, coordenador do Centro de Ações Coletivas (Ceac), explicam a situação atual da doença. Lutz afirma que AIDS não é mais sinônimo de morte, lembrando que com o tratamento adequado é possível viver sem que o vírus se manifeste. Uma frase de Sílvia resume tudo: “O que mata não é a AIDS, é o preconceito” (Barreto Filho, 2/3 jul. 2005, p.11).

O repórter parece ter procurado uma forma de revelar o quão impressionado ficou com a história. Na abertura da entrevista com o casal, ele define a realidade da epidemia: “O vírus da AIDS está apenas na corrente sanguínea, mas o preconceito pulsa na sociedade”. Ao lado da foto de Antônio e Sílvia, de costas, a legenda dá a impressão

de ter sido escrita com o coração, com emoção. “Nas palavras do casal, um mundo que a maioria das pessoas não conhece. Um mundo onde um abraço pode valer como um antídoto, mesmo que passageiro.” O título da entrevista, “Vírus do preconceito” sintetiza o que é dito na reportagem: o HIV já é controlado, mas a discriminação contra os soropositivos ainda é intensa. Tanto isso é verdade que os personagens dessa história não mostram o rosto nem o nome verdadeiro.

Além de contar o drama desta família, o jornal também busca informar o impacto da AIDS em Gravataí. Todos os números e dados vêm acompanhados da respectiva procedência. Segundo o Ministério da Saúde, Gravataí é a 54ª cidade com maior incidência do vírus no Brasil. Pelos cálculos da ONU, são três mil soropositivos entre os gravataienses.

É a descoberta destes números que impulsiona uma série de reportagens sobre a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, contando histórias de pessoas contaminadas ou que fazem parte dos grupos com o chamado “comportamento de risco”. Antes, é mostrado o passo-a-passo do exame de anti-HIV (Anexo 5). O próprio repórter Herculano Barreto Filho se submete ao teste e descreve cada etapa, dando todas as informações sobre o procedimento. A matéria cumpre fielmente o principal objetivo do jornalismo: informar o leitor.

Na edição de 30/31 de julho de 2005 (Anexo 6), começa a série AIDS?, trazendo histórias de prostitutas, crianças, idosos, drogaditos, travestis, heteros e homossexuais que têm o vírus ou convivem com o risco de contrai-lo. Assim como a família da menina chamada de aidética, esses entrevistados também têm a identidade preservada através de nomes fictícios e fotos desfocadas ou de costas. A primeira reportagem mostra um panorama do HIV na cidade: número de infectados, ações de prevenção e tratamento e como funciona o Ceac, que é quem atende os soropositivos em Gravataí.

Com o título “Uma em cada 83 pessoas em Gravataí tem AIDS”, a matéria tem bastante informações e muitos números, todos com procedência. O único deslize é a utilização da expressão “grupos de risco”. Segundo o site do Programa Nacional de DST e AIDS, as primeiras críticas a essa expressão aconteceram ainda em 1983. Dois anos depois, passou a se usar o termo “comportamentos de risco”. Na própria reportagem, há uma entrevista com o infectologista Eduardo Lutz, e a primeira pergunta questiona se ainda existem grupos de risco. Lutz não deixa dúvidas: “existem grupos de pessoas que são mais expostas a situações de risco. Grupos de risco já é uma consideração antiga” (Barreto Filho, 2/3 jul. 2005).

No quadro que apresenta a série, o jornal avisa que “com uma ótica imparcial e sem preconceitos, a reportagem mergulha em diferentes percepções sobre o vírus.” Não é de se esperar que o veículo seja imparcial e sem preconceitos? Afinal, a função do jornal é trazer as informações e as diferentes opiniões sobre os fatos. Talvez seja um aviso do repórter para si mesmo, para que ele não esqueça de ser o mais neutro possível. Marcondes Filho (2002) lembra que os jornalistas, “como todas as pessoas, selecionam os fatos novos e os classificam a partir de seus próprios estereótipos”. Somos iguais a todo mundo, enfim. Mas temos o compromisso com a informação e a verdade, que são mais importantes que nossas opiniões.

A segunda reportagem apresenta as histórias das profissionais do sexo (Anexo 7). E fica mais mesmo nas narrativas de vida dessas mulheres. Segundo é dito na matéria pelo infectologista Lutz, é raro o caso de prostitutas soropositivas, porque elas são as que mais se cuidam. O texto também ressalta isso, além de mostrar que elas não dispensam a camisinha. Como diz o título, o preservativo é um instrumento de trabalho para elas.

Conhecidas popularmente como prostitutas, elas foram as primeiras a receber o rótulo de “grupo de risco”, assim que o vírus ganhou projeção mundial, nos anos 80. Um engano. Como já tinham uma cultura de prevenção contra

doenças sexualmente transmissíveis, as prostitutas não foram as mais afetadas pela projeção do vírus. (BARRETO FILHO, 2/08/2005, p.8)

“Os pequenos herdeiros do vírus HIV” (Anexo 8) é a terceira matéria da série. Aqui, é explicado o tratamento para que bebê não herde o vírus da mãe, desde os cuidados na gestação até em que momento é possível detectar se a criança tem o HIV. Só faltou dizer que o parto deve ser cesariana, conforme recomendações do Ministério da Saúde. Seguem-se relatos de casos em que as mães não conseguiram evitar a transmissão. Novamente, as entrevistadas revelam a discriminação sofrida dentro da própria família e o texto reforça essa questão: “Mãe e filho já se acostumaram a tomar os remédios para evitar a manifestação do HIV. Mas ainda não se acostumaram com o preconceito”. De toda a série, essa é a reportagem mais carregada de drama, o que é evidenciado pela expressão usada ao citar o número de crianças infectadas na cidade. É dito que isto é o “retrato de uma triste realidade que vem desde o berço”.

“Nem a terceira idade escapa do vírus HIV”, já avisa o título da quarta reportagem (Anexo 9). Junto às histórias de idosos soropositivos e muitos números, são apontadas as causas do aumento de casos de AIDS nessa faixa etária. “Entre as principais causas desse crescimento estão o surgimento do Viagra e a resistência quanto ao uso de preservativo pelo grupo. Outro fato alarmante é o alto índice de contaminação dentro do casamento.” (Barreto Filho, 04 ago. 2005, p.5) Mais adiante, o texto lembra que a camisinha não está inserida na cultura dessas pessoas, pois a AIDS só apareceu nos anos 80, quando elas já haviam começado a vida sexual. O repórter também fez uma enquete com um grupo de idosos, mostrando que o preservativo não faz parte do cotidiano deles. Ainda há a ênfase na questão da esperança do soropositivo entrevistado, que, segundo a matéria, “vê no vírus uma motivação a mais para lutar pela vida”.

As histórias de quem contraiu o HIV ao usar drogas injetáveis fazem parte da quinta matéria (Anexo 10). Os relatos mostram bem como o vício faz com que os

drogaditos nem pensem no risco de se contaminar com seringas. Nessa reportagem, aparece a primeira pessoa disposta a mostrar a cara. Ele não tem AIDS, mas conta sua luta contra as drogas e garante que nunca compartilhou seringa com outro usuário, dando um exemplo de que o vício não impede a prevenção. A matéria também mostra o trabalho da ong Uapa (União de Apoio e Prevenção da AIDS), que trabalha com redução de danos aos usuários de drogas em Gravataí. Novamente, números completam o texto.

A sexta reportagem (Anexo 11) traz para os leitores a realidade dos travestis, um mundo de sexo e drogas. Depois dos relatos de dois travestis soropositivos, o HIV fica em segundo plano, dando espaço para as histórias de vida dessas pessoas. Principalmente de Pitanga, o travesti mais antigo de Gravataí, cuja entrevista ocupa toda a segunda página. Quase no final da entrevista, o repórter pergunta sobre a AIDS. Pitanga garante se cuidar e revela que os caminhoneiros são os que mais pedem para não usar camisinha. Somente o travesti e o drogado citados acima se deixam fotografar e usam o nome verdadeiro. Mas eles não têm o vírus HIV. Todos os outros entrevistados, que são soropositivos, preferem o anonimato para se preservar do preconceito.

Na sétima matéria (Anexo 12), que aborda os heterossexuais, o HIV é definido com um vírus sem cara. Mas o repórter descreve a primeira entrevistada, contando que ela tem olhos verdes, cabelos castanhos e traços delicados, como se quisesse dizer que é difícil imaginar que uma pessoa com esse perfil tenha AIDS. Logo depois, essa jovem revela que foi contaminada pelo ex-namorado, numa única relação em que não usou preservativo. O repórter usa novamente o recurso da enquete, desta vez com jovens, para mostrar que a maioria já deixou a camisinha de lado em algumas ocasiões. Os números mostram que as mulheres se contaminam por relações heterossexuais muito

mais do que os homens. Também há a história de um casal que ficou ainda mais unido depois de descobrirem que ambos tem o vírus.

A série termina divulgando que os homossexuais ainda são grande parte dos atingidos pela AIDS (Anexo 13). Para isso, não economiza na dramatização.

Quando descoberto nos anos 80, o vírus foi intitulado de forma pejorativa como a “peste gay”. Duas décadas depois, a AIDS mostrou a cara, atingindo também heterossexuais e usuários de drogas injetáveis, (...) Ainda que ronde toda a população, o fantasma do HIV segue aterrorizando o universo homossexual. (BARRETO FILHO, 10 ago. 2005, p.6)

Mais uma vez, aparece a questão do preconceito, desta vez não só em relação à doença, mas também quanto à opção sexual. Essa oitava reportagem é praticamente composta apenas por relatos de homossexuais. Eles falam da promiscuidade existente do meio gay, da resistência em usar o preservativo, mesmo sendo portador do HIV. Em meios às falas, aparece uma revelação: os homossexuais mais jovens têm maior preocupação em usar camisinha. Um dos entrevistados revela estar impressionado com isso.

Mas olha a surpresa: gays mais jovens, da geração de 86 para cima, quase só transam de preservativo. E quando os caras mais experientes deixam de lado, eles cobram depois e ficam preocupados. No meu caso, que deve ser o caso da maioria dos gays acima dos 25, fui ouvir falar em camisinha depois de iniciar minha vida sexual. (BARRETO FILHO, 10 ago. 2005, p.7)

Em todas as oito matérias, a fala dos entrevistados parece ser o mais importante. As vítimas da AIDS ganham voz através do jornal. Fausto Neto (1999) também observa as falas das pessoas soropositivas.

Temos visto que, de modo geral, elas travam lutas árduas para produzir a oferta de sentidos sobre a questão. O tom da fala das vítimas da AIDS é de recusa aos estigmas, de denúncias contra as formas de discriminação, de avaliação sobre suas práticas (o caso dos homossexuais) diante dos perigos de contaminação, de registros sobre as terapias a que muitos se submetem para enfrentar a doença, além dos atos que ultrapassam os limites dos cuidados a que estão sendo submetidos. (FAUSTO NETO, 1999, p.141)

Apesar de ser eficiente em mostrar a atual realidade dos soropositivos e ter muitos números comprovando a gravidade do tema, as reportagens falham quanto a informações básicas. Falta um quadro explicativo sobre o que é a AIDS, seus sintomas, formas de contágio e tipos de tratamento, por exemplo. Apesar da maioria das pessoas

saberem disso tudo, nas próprias matérias há exemplos de gente que ainda desconhece a doença. O mais gritante é de uma jovem de 23 anos que diz: “não sei como se pega, como não se pega. Tenho medo de passar o vírus para os outros”. Mesmo passados 20 anos, não se pode tratar a AIDS como algo que todo mundo sabe. Ainda é preciso respeitar o pressuposto citado no capítulo anterior: nem todos os leitores têm informações anteriores. Como ressalta Dines (1986), sempre há um leitor chegando ao assunto nesse instante.

Quanto aos termos usados para se referir às pessoas com AIDS, em todas as matérias predomina a palavra soropositivo. Eventualmente, são usadas as expressões, portador(a) do vírus, infectados e HIV positivo. Terto Jr. (2006) explica que a AIDS criou novas identidades políticas e sociais, como os soropositivos, ou pessoas vivendo com o HIV, “que transformaram o seu diagnóstico clínico em uma identidade política e vêm conseguindo se organizar coletivamente e reivindicar seus interesses políticos e sociais próprios.”

Concluída a série, o repórter Herculano Barreto Filho traça uma avaliação das oito reportagens em um artigo de página inteira (Anexo 14). Ali, ele justifica a importância destas matérias destacando que “o tema é um dos maiores fantasmas de todos os tempos, apesar de ter surgido para o mundo há 20 anos”. Também explica qual foi a intenção ao mostrar as etapas do teste anti-HIV: “estimular a população a perder o medo em relação à AIDS”. E revela a afirmação do infectologista Lutz que fez gerar a série AIDS?: “Todos estão no grupo de risco hoje em dia”. Estas frases mostram um jornalista consciente da importância do seu trabalho de levar ao público a informação.

Herculano também não deixa dúvidas de que é contra a discriminação que sofrem todas as pessoas infectadas que ele entrevistou.

Como pano de fundo, desvenda-se uma sociedade preconceituosa e ignorante. O soropositivo se torna um condenado, um excluído. Está negado o direito a um sorriso, a um abraço.

Os portadores do vírus entrevistados optaram por permanecer no anonimato. Não só nas fotos desfocadas da reportagem. Em alguns casos, nem a família sabe.

Até o dia em que as pessoas forem capazes de tratá-los como iguais. (BARRETO FILHO, 11 ago. 2005, p.8)

Além de se posicionar contra o preconceito, o repórter tenta esclarecer mais uma vez (depois de tudo o que foi dito na série), que carinho e atenção não transmitem AIDS.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na entrevista da reportagem que abre a série AIDS, em 2005, o médico Eduardo Lutz recorda de quando atendeu os primeiros casos da doença, em 1985. As duas épocas analisadas neste trabalho se encontram por algumas linhas. Vinte anos depois, Lutz conta como era pequeno o conhecimento que se tinha sobre o vírus, mesmo entre os médicos.

Ainda me lembro do primeiro paciente que eu examinei. Usei máscara, luva e avental de proteção. A transmissão ainda não estava bem clara. O paciente tinha vindo de Santos, e chegou em frangalhos. Ele era usuário de drogas intravenosas, e não tínhamos nada a oferecer a ele. Aquilo foi angustiante e assustou. Ninguém sabia o que era a AIDS, nem o que estava acontecendo. (...) Sabíamos apenas que era uma doença infecciosa, que afetava a humanidade, mas que não tinha nome. (BARRETO FILHO, 30/31 jul. 2005, p.11)

É nessa questão, das informações sobre a doença, que residem a principal diferença e a maior semelhança entre as duas coberturas. Como em 1985 pouco se sabia, as matérias têm muitas informações vagas, que pela falta de dados acabam dizendo pouco, quase nada. Já em 2005, as reportagens são mais objetivas, com textos mais claros e completos. Vinte anos depois, o Correio de Gravataí fala da AIDS com a segurança de quem domina o assunto. Porém, esquece que nem todas as pessoas estão bem informadas sobre a AIDS e comete o mesmo erro de duas décadas: não apresenta informações básicas sobre a doença. Nas próprias reportagens aparecem exemplos de pessoas que não sabem como se contrai o HIV, como se prevenir, quais os tratamentos. E, no que dependeu do jornal, continuaram sem saber. Se a missão da imprensa é informar e educar o leitor, o Correio de Gravataí deixou a desejar nas matérias aqui analisadas.

Em 1985, as reportagens acompanharam o desenrolar de um único caso de AIDS, o primeiro a acontecer em Gravataí. Luiz Cardoso era retratado como vítima de uma fatalidade, por ter sido contaminado durante o tratamento da hemofilia. Depois de

20 anos, são milhares de casos de AIDS, e os entrevistados apenas são exemplos dessa realidade. E eles apenas contam suas histórias, sem rótulos de mocinho ou vilão. Não são vistos mais como vítimas da doença, mas do preconceito, que os maltrata mais do que o vírus. Essa mudança fica clara também pela maneira como os entrevistados são chamados. A pessoa com HIV deixou de ser “doente”, como Luiz era citado, para se tornar soropositivo ou portador do vírus. Não há mais a idéia de alguém condenado pela doença. Agora, o vírus apenas traz uma nova condição de vida, não uma sentença de morte.

Também fica aparente que o assunto AIDS comove e impressiona até os repórteres responsáveis pelas matérias. Através do texto, eles encontram um jeito de mostrar que se contagiam pela esperança dos soropositivos e são contra o preconceito que essas pessoas sofrem. Esse tema, do preconceito, já aparece em 1985, mas ganha mais força com o tempo. Nas reportagens de 2005, fica bem claro que a discriminação contra os soropositivos ainda é grande, mas é cada vez maior o repúdio a esse comportamento.

O vírus é o mesmo, ainda assusta, mas não causa pânico. Já se sabe como enfrentar o HIV. A luta agora é contra outro inimigo, que não é contagioso, mas atinge todos os tipos de pessoas: o preconceito. E essa batalha ganha visibilidade nas páginas do Correio de Gravataí.

REFERÊNCIAS

- AIDS na pauta : guia informativo para jornalistas. Porto Alegre, [198_?] 16 p. Publicação experimental do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BARRETO FILHO, H. **A AIDS na ponta de uma seringa**. Correio de Gravataí, Gravataí, 5 ago. 2005, p. 6 e 7
- BARRETO FILHO, H. **A AIDS no reflexo do espelho**. Correio de Gravataí, Gravataí, 11 ago. 2005, p. 8
- BARRETO FILHO, H. **A noite travestida nas esquinas**. Correio de Gravataí, Gravataí, 6/7 ago. 2005, p. 10 e 11
- BARRETO FILHO, H. **AIDS ainda assombra os homossexuais**. Correio de Gravataí, Gravataí, 10 ago. 2005, p. 6 e 7
- BARRETO FILHO, H. **AIDS: um vírus sem cara**. Correio de Gravataí, Gravataí, 9 ago. 2005, p. 8 e 9
- BARRETO FILHO, H. **Camisinha: instrumento de trabalho**. Correio de Gravataí, Gravataí, 2 ago. 2005, p. 8 e 9
- BARRETO FILHO, H. **Nem a terceira idade escapa do vírus HIV**. Correio de Gravataí, Gravataí, 4 ago. 2005, p. 5 e 6
- BARRETO FILHO, H. **Os pequenos herdeiros do vírus HIV**. Correio de Gravataí, Gravataí, 3 ago. 2005, p. 6 e 7
- BARRETO FILHO, H. **Saiba como fazer o exame de anti-HIV**. Correio de Gravataí, Gravataí, 6 jul. 2005, p. 6
- BARRETO FILHO, H. **Uma em cada 83 pessoas em Gravataí tem AIDS**. Correio de Gravataí, Gravataí, 30/31 jul. 2005, p. 10 e 11
- BARRETO FILHO, H. **Uma família de sobrenome AIDS**. Correio de Gravataí, Gravataí, 2/3 jul. 2005, p. 10 e 11
- BESSA, M. S. **Os perigosos: autobiografias & AIDS**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002
- BRASIL. Ministério da Saúde. **História da AIDS**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMIS232EC481PTBRIE.htm>> Acesso em 10 fev. 2006
- CAMARGO JR, K. R. de. **As ciências da AIDS e a AIDS das ciências: discurso médico e a construção da AIDS**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994

CORREIO DE GRAVATAÍ. **Portador de AIDS faz nova avaliação médica.** Gravataí, 1º a 15 set 1985. p. 9

DARDE, V. W. S. **A AIDS na imprensa: a construção da imagem da epidemia e a influência na promoção da Cidadania.** In: em *Questão*, v. 10, p. 247-259, jul/dez 2004

DINES, A. **O papel do jornal: uma releitura.** São Paulo: Summus, 1986.

ELA está entre nós. **Três por quatro**, Porto Alegre, 2. sem. 2004. Publicação experimental do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FAUSTO NETO, A. **Transações da recepção –A Contaminação da AIDS pelos Discursos Sociais.** In: *Lumina*. Revista da Faculdade de Comunicação da UFJF. Vol 3, número 1, jan-jun 2000

_____. **Comunicação & Mídia Impressa: estudo sobre a AIDS.** São Paulo: Hacker Editores, 1999

GALVÃO, J. **AIDS no Brasil: a agenda da construção de uma epidemia.** Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000

GAPA. **A epidemia.** Disponível em: <http://www.gapars.com.br/epidemia/capa_epidemia.asp> Acesso em 10 fev. 2006

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e jornalismo: A saga dos cães perdidos.** São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARTINS, E. **Manual de Redação e Estilo:** O Estado de São Paulo. São Paulo: Ed. Moderna, 1997, p. 5

PRADO, M. D. L. **AIDS: Qual o limite entre o amor e a lei?** Correio de Gravataí, Gravataí, 08 out. 1985, p. 2

SILVA, G. **Mídia Impressa: A prática do Jornalismo e o universo das ciências.** In: *Divulgação Científica e Tecnologias de Informação e Comunicação.* Ada Cristina Machado da Silveira (org.). Santa Maria: FACOS/UFSM, 2003, p. 65

TERTO JR., V. **A Sociedade Civil e os Desafios na Terceira Década da AIDS.** Disponível em: <<http://www.abiaids.org.br>>. Acesso em 13 fev 2006

WURLITZER, C. **Muita emoção no casamento do jovem pintor da AIDS.** Correio de Gravataí, Gravataí, 1º a 15 nov. 1985, p. 9 a 11

WURLITZER, C. **Portador de AIDS casa em novembro.** Correio de Gravataí, Gravataí, 08 out. 1985, p. 1 a 4

ANEXOS